

Nota Técnica

Nº 40

Dinte

Diretoria de Estudos e Relações
Econômicas e Políticas Internacionais

Janeiro de 2022

AVALIAÇÃO DOS IMPACTOS ECONÔMICOS DE CENÁRIOS DE REVISÃO DA UNIÃO ADUANEIRA DO MERCOSUL

Fernando J. Ribeiro

Alicia Cechin

Gerlane Andrade



Governo Federal

Ministério da Economia

Ministro Paulo Guedes

ipea

Instituto de Pesquisa
Econômica Aplicada

Fundação pública vinculada ao Ministério da Economia, o Ipea fornece suporte técnico e institucional às ações governamentais – possibilitando a formulação de inúmeras políticas públicas e programas de desenvolvimento brasileiros – e disponibiliza, para a sociedade, pesquisas e estudos realizados por seus técnicos.

Presidente

Carlos von Doellinger

Diretor de Desenvolvimento Institucional

Manoel Rodrigues Junior

Diretora de Estudos e Políticas do Estado, das Instituições e da Democracia

Flávia de Holanda Schmidt

Diretor de Estudos e Políticas Macroeconômicas

José Ronaldo de Castro Souza Júnior

Diretor de Estudos e Políticas Regionais, Urbanas e Ambientais

Nilo Luiz Saccaro Júnior

Diretor de Estudos e Políticas Setoriais de Inovação e Infraestrutura

André Tortato Rauen

Diretora de Estudos e Políticas Sociais

Lenita Maria Turchi

Diretor de Estudos e Relações Econômicas e Políticas Internacionais

Ivan Tiago Machado Oliveira

Assessor-chefe de Imprensa e Comunicação

André Reis Diniz

Ouvidoria: <http://www.ipea.gov.br/ouvidoria>

URL: <http://www.ipea.gov.br>

© Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada – ipea 2022

EQUIPE TÉCNICA

Fernando J. Ribeiro

Coordenador de estudos em relações econômicas internacionais na Diretoria de Estudos e Relações Econômicas e Políticas Internacionais (Dinte) do Ipea.
E-mail: <fernando.ribeiro@ipea.gov.br>.

Alicia Cechin

Assistente de pesquisa na Dinte/Ipea. *E-mail:* <alicia.cechin@ipea.gov.br>.

Gerlane Andrade

Assistente de pesquisa na Dinte/Ipea. *E-mail:* <gerlane.andrade@ipea.gov.br>.

DOI: <http://dx.doi.org/10.38116/ntdinte40>

As publicações do Ipea estão disponíveis para *download* gratuito nos formatos PDF (todas) e EPUB (livros e periódicos). Acesse: <<http://www.ipea.gov.br/portal/publicacoes>>.

As opiniões emitidas nesta publicação são de exclusiva e inteira responsabilidade dos autores, não exprimindo, necessariamente, o ponto de vista do Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada ou do Ministério da Economia.

É permitida a reprodução deste texto e dos dados nele contidos, desde que citada a fonte.

Reproduções para fins comerciais são proibidas.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO 5

2 RESULTADOS 7

3 CONCLUSÕES 15

REFERÊNCIAS 16

1 INTRODUÇÃO

Este texto analisa os impactos de diferentes cenários de redução tarifária no âmbito do Mercosul, considerando as principais variáveis macroeconômicas e setoriais do Brasil e dos demais países do bloco, bem como o comércio intrabloco. Para tanto, aplica-se um modelo equilíbrio geral computável (EGC) multirregional e multissetorial, o Global Trade Analysis Project (GTAP)¹¹ versão 10. As simulações foram feitas com base no modelo GTAP versão 10, calibrado com informações sobre as economias do mundo para o ano de 2014.²² A documentação completa deste modelo pode ser encontrada em Hertel *et al.* (1997), e as informações sobre o banco de dados e as características do GTAP 10, bem como as mudanças realizadas em relação à versão anterior (GTAP 9), podem ser encontradas em Aguiar *et al.* (2019).

Para efeito deste estudo, o recorte mundial foi desagregado em três unidades de análise: Brasil, demais países do Mercosul (Argentina, Paraguai e Uruguai) e resto do mundo. As atividades econômicas foram agregadas em 23 setores, contemplando as principais atividades da agropecuária, da indústria extrativa mineral e da indústria de transformação, e tendo todos os setores de serviços considerados como apenas uma atividade.

O objetivo principal deste trabalho é analisar o impacto do fim da união aduaneira no Mercosul, de forma que qualquer país do bloco poderia promover alterações nas tarifas de importação sem que os demais tivessem que fazê-lo. Para isso, foram definidos três cenários. O primeiro seria um cenário de controle, no qual todos os países aplicariam uma redução tarifária semelhante. O segundo cenário considera uma redução tarifária apenas no Brasil. Por sua vez, o terceiro cenário considera uma redução tarifária em Argentina, Paraguai e Uruguai, mas não no Brasil. Assim, é possível avaliar quais os ganhos e perdas que o Brasil e os demais países do bloco teriam com o fim da união aduaneira, comparando estes resultados com aqueles que prevaleceriam se não houvesse nenhuma redução tarifária (cenário *baseline*, em relação ao cálculo dos resultados apresentados pelo modelo) ou se a redução fosse feita igualmente por todos os membros (cenário 1).

Optou-se por aplicar uma redução tarifária de 50% em todas as tarifas setoriais, escalonada em quatro etapas, durante os anos de 2021 a 2024. O horizonte de simulação foi estendido até 2025, para captar efeitos defasados da redução tarifária. Esta redução de 50% foi considerada uma opção mais realista e factível do que, por exemplo, uma redução de 100%, até porque ela levaria a tarifa média dos países a um patamar semelhante à tarifa média aplicada pela grande maioria dos países em desenvolvimento com nível de renda semelhante.

As reduções foram aplicadas sobre as tarifas de importação disponibilizadas na base de dados do GTAP (tabela 1), e não correspondem às tarifas nominais, mas sim às tarifas efetivamente aplicadas por cada país em cada setor (valor da tarifa de importação arrecadada dividida pelo valor total importado). Tal cálculo reflete mais fielmente o nível real de proteção das tarifas, pois leva em conta uma série de reduções e isenções tarifárias aplicadas pelos países, seja em função de acordos preferenciais (como ocorre no comércio intra-Mercosul), seja por conta de diversos regimes especiais (como é o caso dos ex-tarifários no Brasil).

TABELA 1

Tarifas aplicadas por Brasil e demais países do Mercosul

(Em %)

Setores	Brasil	Mercosul
Cereais	9,59	0,41
Outros agricultura e pecuária	4,65	2,80
Sementes oleaginosas	3,49	1,67
Petróleo e gás	0,00	0,00
Minerais	0,40	1,94
Carnes	7,01	5,44
Alimentos e bebidas	10,78	10,80
Têxteis e vestuário	26,29	22,04
Couros e calçados	29,46	27,18
Produtos de madeira	9,01	9,70
Papel	10,02	7,87
Derivados de petróleo	0,56	0,74

(Continua)

1. O GTAP é um modelo de equilíbrio geral computável (EGC) multirregional e multissetorial cujos mercados se encontram em concorrência perfeita e a produção se dá com rendimentos constantes de escala, e trabalha com uma desagregação regional de até 141 regiões, com uma distribuição das atividades econômicas em 65 setores (agrícolas, industriais e de serviços).

2. As simulações foram realizadas com uso do *software* RunDynam.

(Continuação)

Setores	Brasil	Mercosul
Químicos	6,32	7,02
Farmacêuticos	6,54	6,60
Borracha e plástico	12,89	12,71
Produtos metálicos e de outros minerais	10,93	11,25
Equipamentos eletrônicos	8,28	8,26
Equipamentos elétricos	14,31	13,41
Máquinas e equipamentos	11,50	10,42
Veículos e peças	16,33	12,68
Outros equipamentos de transporte	7,15	11,02
Outras manufaturas	15,27	16,53
Serviços	0,00	0,00

Fonte: GTAP.

Vale destacar que a tarifa média aplicada pelo Brasil e pelos demais países do Mercosul é da ordem de 10%, apenas um pouco menor que a tarifa nominal média (13%). As tarifas mais elevadas referem-se a bens intensivos em trabalho (como têxteis e vestuário e couros e calçados) e em bens intensivos em capital e tecnologia (como borracha e plástico; produtos metálicos e de outros minerais; equipamentos eletrônicos; equipamentos elétricos; máquinas e equipamentos; veículos e peças; outros equipamentos de transporte; e outras manufaturas). Estes setores tendem a ser os mais afetados pela redução tarifária.

A tabela 2 traz outra informação importante, referente à composição setorial do comércio entre o Brasil e os demais países do Mercosul. Isso porque, quanto maior o volume de comércio em um determinado setor, mais ele tende a ser afetado pelas reduções tarifárias simuladas nos três cenários. Por exemplo, dado que cerca de 37% das exportações dos demais países do Mercosul para o Brasil estão em produtos do setor de veículos e peças, é provável que este setor sofra impactos significativos nos cenários 1 e 2, nos quais o Brasil reduz em 50% as tarifas de importação aplicadas a produtos provenientes de terceiros países.

TABELA 2

Composição do comércio entre Brasil e demais países do Mercosul

(Em %)

Setores	Exportação Brasil-Mercosul	Exportação Mercosul-Brasil
Veículos e peças	24,9	36,7
Químicos	14,4	13,9
Produtos metálicos e de outros minerais	10,7	3,9
Derivados de petróleo	7,5	7,5
Máquinas e equipamentos	7,3	1,6
Equipamentos elétricos	5,2	0,8
Borracha e plástico	4,7	4,3
Alimentos e bebidas	4,4	11,0
Minerais	4,0	0,2
Papel	2,9	1,2
Têxteis e vestuário	2,7	1,8
Equipamentos eletrônicos	2,3	0,4
Couros e calçados	1,8	0,3
Farmacêuticos	1,3	1,4
Outras manufaturas	1,3	0,3
Outros agricultura e pecuária	1,3	2,0
Outros equipamentos de transporte	0,9	0,2
Carnes	0,8	2,1
Petróleo e gás	0,5	0,1
Produtos de madeira	0,3	0,1
Cereais	0,1	5,2
Sementes oleaginosas	0,0	1,3
Serviços	0,7	3,7

Fonte: GTAP.

2.1 Impactos macroeconômicos

A tabela 3 mostra o impacto sobre as principais variáveis macroeconômicas das reduções tarifárias simuladas nos três cenários. No caso da economia brasileira, destacam-se os resultados descritos a seguir.

- A variação do produto interno bruto (PIB) é positiva nos cenários 1 e 2, onde há redução de 50% nas tarifas aplicadas pelo Brasil, e o ganho é muito semelhante nos dois cenários (0,12% e 0,13%). No cenário 3, onde apenas os demais países do Mercosul reduzem as tarifas, o PIB brasileiro tem ligeira perda, de 0,01%.
- Nos cenários 1 e 2, os resultados são majoritariamente positivos para o Brasil, com redução do nível de preços e aumento da formação bruta de capital fixo, do salário real, das exportações e das importações. Há também um ganho significativo de bem-estar, da ordem de US\$ 1,7 bilhão. Em contrapartida, há variação negativa do saldo comercial, uma vez que o aumento das importações é quatro vezes maior do que o das exportações, e redução dos termos de troca.
- As variações são muito semelhantes nos dois cenários, inclusive no que tange ao bem-estar, sugerindo que, para o Brasil, é indiferente que a redução tarifária seja aplicada unilateralmente ou em conjunto com o Mercosul.
- No cenário 3, os resultados são negativos para todas as variáveis (exceto o saldo comercial, que tem pequeno ganho). A variação de bem-estar é negativa em US\$ 654 milhões.

TABELA 3

Impactos da redução tarifária sobre as principais variáveis macroeconômicas do Brasil e dos demais países do Mercosul, nos três cenários¹

Variáveis	Brasil			Mercosul		
	Cenário 1	Cenário 2	Cenário 3	Cenário 1	Cenário 2	Cenário 3
PIB	0,12	0,13	-0,01	0,11	-0,03	0,13
Deflator do PIB	-0,57	-0,42	-0,16	-0,81	-0,47	-0,34
FBCF	4,13	4,29	-0,16	3,72	-0,89	4,66
Salário real	0,33	0,37	-0,04	0,33	-0,09	0,42
Exportação (<i>quantum</i>)	1,85	1,91	-0,06	0,75	-0,00	0,78
Exportação (em US\$)	1,39	1,58	-0,18	0,15	-0,40	0,57
Importação (<i>quantum</i>)	6,19	6,52	-0,30	2,79	-0,62	3,49
Importação (em US\$)	6,13	6,49	-0,32	2,59	-0,79	3,46
Saldo comercial (em US\$ 1 milhão)	-10.738,0	-10.905,6	123,6	-2.250,8	166,8	-2.456,4
Termos de troca	-0,4	-0,3	-0,1	-0,4	-0,2	-0,2
Bem-estar (em US\$ 1 milhão)	1.074,68	1.704,12	-653,84	172,97	-446,89	613,06

Elaboração dos autores.

Nota: ¹ Variação acumulada até 2025, em comparação ao *baseline*, em %.

Obs.: FBCF – formação bruta de capital fixo.

Segundo os dados da tabela 2, a variação do PIB é positiva nos cenários 1 e 3, onde há redução de 50% nas tarifas aplicadas pelos países, e o ganho é muito semelhante em ambos os cenários (0,12% e 0,13%).

Nos cenários 1 e 3, os resultados são majoritariamente positivos para os demais países do Mercosul. A variação do PIB é positiva e muito semelhante nos dois cenários (0,12% e 0,13%), e verifica-se, também, redução do nível de preços e aumento da formação bruta de capital fixo, do salário real e das exportações e das importações. Além disso, há um ganho significativo de bem-estar, o qual é bem mais elevado no cenário 3 (US\$ 613 milhões) do que no cenário 1 (US\$ 173 milhões). Em contrapartida, há variação negativa do saldo comercial – uma vez que o aumento das importações é bem maior do que o das exportações –, e redução dos termos de troca.

As variações são tipicamente mais elevadas no cenário 1 do que no cenário 3, embora com diferenças não muito grandes (exceto no cálculo do bem-estar). Os números sugerem que, para os demais países do Mercosul, uma redução unilateral de tarifas seria mais benéfica do que em conjunto com o Brasil.

No cenário 2, os resultados são negativos para todas as variáveis (exceto o saldo comercial, que tem pequeno ganho). A variação de bem-estar é negativa em US\$ 447 milhões.

Em síntese, as simulações indicam que uma redução tarifária traria benefícios para o Brasil, em termos macroeconômicos, e que tais benefícios seriam praticamente iguais caso a redução fosse feita unilateralmente, com o fim da união aduaneira, ou em conjunto com o Mercosul. No que tange aos demais países do Mercosul, a redução tarifária com o fim da união aduaneira (cenário 3) seria mais vantajosa do que a redução em todo o bloco (cenário 1). Isso ocorre porque os países obteriam os benefícios da abertura sem incorrer em eventuais perdas pela erosão das preferências no mercado brasileiro – ou seja, sem perda de acesso privilegiado a um mercado de grande relevância para suas exportações (o Brasil tem respondido, nos últimos anos, por 25% a 30% das exportações totais de Argentina, Paraguai e Uruguai). No caso do Brasil, como o Mercosul é um mercado de menor importância relativa (menos de 10% das exportações totais), o impacto da erosão de preferências é menos importante.

2.2 Produção setorial

A tabela 4 resume os resultados das simulações de impacto de redução tarifária sobre a produção setorial no Brasil e no demais países do Mercosul.

No Brasil, a queda das tarifas teria impacto positivo sobre nove setores no cenário 1 e oito setores no cenário 2. O maior ganho ocorreria no setor de outros equipamentos de transporte, provavelmente em função da redução do custo de insumos importados, por se tratar de um setor bastante dependente destes insumos. Outros setores que ganhariam são relacionados a *commodities*, tais como: carnes; sementes oleaginosas; produtos de madeira; outros da agricultura e pecuária, petróleo e gás; papel; minerais; e alimentos e bebidas.

A maioria dos setores da indústria de transformação teria queda de produção com a redução tarifária, sendo mais elevada em setores com tarifa mais excessiva e/ou com maior conteúdo tecnológico, tais como: têxteis e vestuário; equipamentos elétricos; químicos; borracha e plástico; couros e calçados; equipamentos eletrônicos; e máquinas e equipamentos.

TABELA 4

Impactos sobre a produção industrial nos três cenários¹

Setores	Brasil			Mercosul		
	Cenário 1	Cenário 2	Cenário 3	Cenário 1	Cenário 2	Cenário 3
Outros equipamentos de transporte	2,9	2,7	0,3	-6,4	0,3	-6,7
Carnes	0,6	0,3	0,3	0,7	0,5	0,2
Sementes oleaginosas	0,5	0,3	0,2	0,7	0,5	0,2
Produtos de madeira	0,2	0,0	0,2	0,1	0,2	-0,1
Outros agricultura e pecuária	0,2	0,1	0,1	0,4	0,3	0,1
Petróleo e gás	0,1	0,1	0,1	0,2	0,2	-0,0
Papel	0,1	-0,0	0,1	-0,4	0,0	-0,4
Minerais	0,1	0,0	0,1	0,5	0,2	0,3
Alimentos e bebidas	0,1	-0,0	0,1	0,7	0,5	0,2
Derivados de petróleo	-0,1	-0,1	-0,0	-0,2	0,0	-0,2
Veículos e peças	-0,3	0,3	-0,6	-6,6	-7,1	0,5
Produtos metálicos e de outros minerais	-0,6	-0,6	-0,0	-0,8	0,3	-1,1
Outras manufaturas	-0,6	-0,5	-0,1	-2,9	0,0	-2,9
Farmacêuticos	-0,8	-0,9	0,1	-0,3	1,0	-1,3
Cereais	-0,8	-0,9	0,2	-0,1	-0,2	0,1
Máquinas e equipamentos	-0,9	-0,6	-0,4	-3,1	-0,3	-2,8
Equipamentos eletrônicos	-1,1	-1,0	-0,1	-4,9	0,7	-5,6
Couros e calçados	-1,4	-1,3	-0,1	-0,7	1,3	-2,1
Borracha e plástico	-1,4	-1,2	-0,2	-3,4	-1,2	-2,2
Químicos	-1,5	-1,4	-0,1	-1,9	-0,6	-1,4
Equipamentos elétricos	-3,9	-2,7	-1,2	-9,0	-2,5	-6,4
Têxteis e vestuário	-5,3	-5,0	-0,3	-6,0	-1,1	-5,0

Elaboração dos autores.

Nota: ¹ Desvio acumulado em relação ao *baseline*, em %.

A magnitude das variações setoriais de produção é muito semelhante nos cenários 1 e 2, com a notável exceção do setor de veículos e peças, que teria perda de 0,3% no cenário 1 e ganho de 0,3% no cenário 2. Isso reflete o fato de que um quarto das exportações brasileiras para o Mercosul estão neste setor, e o Brasil obteria ganhos de eficiência com a redução tarifária e não perderia o acesso privilegiado que tem hoje ao mercado dos três países parceiros.

Por fim, no cenário 3, o Brasil também teria perdas de produção na maioria dos setores da indústria de transformação, mas a magnitude das perdas é bem pequena, exceto nos setores de equipamentos elétricos e de veículos e peças – justamente pela importância que o Mercosul tem como destino das exportações destes setores.

No caso dos demais países do Mercosul, a queda das tarifas teria impacto positivo sobre sete setores, tanto no cenário 1 quanto no cenário 3, todos eles relacionados a *commodities*, tais como carnes; sementes oleaginosas; outros da agricultura e pecuária; petróleo e gás; minerais; e alimentos e bebidas. Por outro lado, os setores da indústria de transformação teriam queda de produção com a redução tarifária, sendo mais elevada em setores com tarifa mais excessiva e/ou com maior conteúdo tecnológico, tais como: têxteis e vestuário; equipamentos elétricos; químicos; borracha e plástico; equipamentos eletrônicos; máquinas e equipamentos; outras manufaturas; e veículos e peças. Este último é um caso à parte, pois teria perda de produção de 6,6% no cenário 1, mas ganho de 0,5% no cenário 2, que ocorreria em função da manutenção do acesso privilegiado ao mercado brasileiro.

A magnitude das variações setoriais de produção é, na maior parte dos casos, maior no cenário 1 do que no cenário 3, com algumas notáveis exceções, como equipamentos eletrônicos, farmacêuticos e couros e calçados – além do já citado setor de veículos e peças.

Por fim, no cenário 2, os demais países do Mercosul teriam aumento de produção na maioria dos setores, inclusive em alguns da indústria de transformação, com exceção do setor de veículos e peças (-7,7%). Os ganhos de produção derivam, provavelmente, de algum transbordamento do maior crescimento do PIB brasileiro sobre a economia dos parceiros.

Em síntese, a redução tarifária geraria queda de produção na maior parte da indústria de transformação e ganho em setores ligados a *commodities*, tanto no Brasil quanto nos demais países do Mercosul.

No caso do Brasil, não haveria grandes diferenças se a redução tarifária fosse feita unilateralmente ou em conjunto com o Mercosul, exceto no setor de veículos e peças. O mesmo se aplica aos demais países do Mercosul – com exceção de veículos e peças e também de equipamentos elétricos, têxteis e vestuário, químicos e borracha e plástico, para os quais o cenário 3 (com redução tarifária nestes países, mas não no Brasil) traz perdas menos significativas de produção.

2.3 Exportação setorial

Conforme exposto na tabela 5, a exportação brasileira cresce em quase todos os setores nos cenários 1 e 2, com exceção de borracha e plástico e têxteis e vestuário. Ao contrário do que acontece com a produção, os ganhos são significativos em setores da indústria de transformação, tais como: outros equipamentos de transporte; equipamentos eletrônicos; máquinas e equipamentos; couros e calçados; produtos metálicos e de outros minerais; equipamentos elétricos; e farmacêuticos. No cenário 2, há ganhos expressivos também em veículos e peças; químicos; e outras manufaturas. Por seu turno, a variação das exportações em setores produtores de *commodities* é positiva, mas de pequena magnitude.

Este resultado, de certa forma, se explica pela queda do custo de produção por conta do barateamento de insumos importados, o que torna as manufaturas brasileiras mais baratas em comparação com os concorrentes internacionais. A combinação de aumento de exportação com queda de produção significa, também, que a redução tarifária gera um aumento do coeficiente de exportação nos setores manufatureiros no Brasil.

A diferença entre as taxas de variação da exportação nos cenários 1 e 2 é pequena, com algumas exceções, tais como: veículos e peças; têxteis e vestuário; borracha e plástico; equipamentos elétricos; equipamentos eletrônicos; e máquinas e equipamentos. Nesse caso, o crescimento no cenário 2 é bem maior do que no cenário 1. Isso significa que o Brasil consegue elevar suas exportações no âmbito desses produtos para o Mercosul, que mantém nível elevado de proteção em relação a terceiros países.

No cenário 3, a variação das exportações é pouco significativa em quase todos os setores. Entretanto, alguns deles sofrem perdas elevadas, provavelmente porque há muita substituição de bens brasileiros por aqueles provenientes de terceiros países, por parte dos demais países do Mercosul. Os casos mais notáveis são: equipamentos eletrônicos; máquinas e equipamentos; equipamentos elétricos; veículos e peças; borracha e plástico; e têxteis e vestuário.

TABELA 5

Impactos sobre a exportação nos três cenários¹

Setores	Brasil			Mercosul		
	Cenário 1	Cenário 2	Cenário 3	Cenário 1	Cenário 2	Cenário 3
Outros equipamentos de transporte	8,1	7,8	0,3	-5,0	0,4	-5,4
Equipamentos eletrônicos	4,4	7,0	-2,4	6,6	-0,2	6,8
Máquinas e equipamentos	3,6	5,2	-1,6	1,5	-1,7	3,4
Couros e calçados	3,6	3,9	-0,4	5,5	2,2	3,3
Produtos metálicos e de outros minerais	2,1	2,0	0,1	2,2	1,0	1,2
Equipamentos elétricos	2,1	6,1	-3,9	-7,0	-7,3	0,8
Farmacêuticos	2,0	1,9	0,2	1,4	1,1	0,4
Papel	1,9	1,5	0,3	-1,9	-1,6	-0,3
Carnes	1,7	0,9	0,8	2,3	1,5	0,8
Químicos	1,6	2,6	-1,0	-1,0	-1,7	0,7
Produtos de madeira	1,5	0,9	0,6	2,3	1,7	0,6
Outras manufaturas	1,5	2,5	-1,0	-1,1	-0,3	-0,8
Veículos e peças	1,4	3,9	-2,6	-9,4	-10,8	1,4
Cereais	1,3	0,9	0,3	-1,2	-1,2	0,1
Alimentos e bebidas	0,9	0,6	0,3	1,0	0,7	0,3
Petróleo e gás	0,8	0,6	0,3	2,6	1,6	1,0
Outros agricultura e pecuária	0,6	0,4	0,2	-0,3	-0,2	-0,1
Sementes oleaginosas	0,6	0,4	0,2	0,6	0,3	0,3
Minerais	0,1	0,1	0,0	0,1	0,2	-0,0
Derivados de petróleo	0,1	0,2	-0,0	0,0	-0,1	0,1
Borracha e plástico	-0,2	2,2	-2,4	-8,1	-7,5	-0,5
Têxteis e vestuário	-0,7	6,4	-6,9	-12,8	-13,2	0,9

Elaboração dos autores.

Nota: ¹ Desvio acumulado em relação ao *baseline*, em %.

No caso da exportação dos demais países do Mercosul, o quadro é bem menos homogêneo. Nos cenários 1 e 3, há setores que registram bom crescimento, como: equipamentos eletrônicos; máquinas e equipamentos; couros e calçados; produtos metálicos e de outros minerais; carnes; produtos de madeira; e petróleo e gás. Contudo, também há produtos que registram perdas significativas, tais como: outros equipamentos de transporte; equipamentos elétricos; veículos e peças; e têxteis e vestuário. Há setores que perdem no cenário 1, mas ganham no cenário 2, como: equipamentos elétricos; veículos e peças; e têxteis e vestuário. É importante notar que, em geral, os setores produtores de *commodities* têm pequenas variações (positivas ou negativas).

O cenário 2 também mostra resultados bastante variados, mas chamam atenção alguns setores que sofrem grandes perdas, a exemplo de: veículos e peças; borracha e plástico; têxteis e vestuário; e equipamentos elétricos.

2.4 Importação setorial

Os impactos sobre as importações setoriais (tabela 6) são bastante significativos tanto no Brasil quanto nos demais países do Mercosul, com alta generalizada nos cenários em que há redução tarifária e variações negativas, mas pouco significativas no cenário em que não há redução.

No caso do Brasil, as importações crescem em quase todos os setores nos cenários 1 e 2, exceto em três nos quais a tarifa aplicada pelo país já é próxima de zero: derivados de petróleo; petróleo e gás; e minerais. Como seria de se esperar, o aumento das importações é mais expressivo em setores com tarifas iniciais mais elevadas, tais como: couros e calçados; têxteis e vestuário; outras manufaturas; equipamentos elétricos; máquinas e equipamentos; produtos metálicos e de outros minerais; e borracha e plástico.

No cenário 3, as importações têm variação negativa, mas pouco significativa em todos os setores.

Quanto aos demais países do Mercosul, o quadro geral é o mesmo, exceto pelo fato de que, nos cenários 1 e 3, a taxa de variação das importações é mais baixa do que a verificada no Brasil em quase todos os setores. No cenário 2, as importações têm variação negativa, mas pouco significativa em todos os setores.

TABELA 6

Impactos sobre a importação nos três cenários¹

Setores	Brasil			Mercosul		
	Cenário 1	Cenário 2	Cenário 3	Cenário 1	Cenário 2	Cenário 3
Couros e calçados	54,2	55,0	-0,5	20,5	-0,4	21,3
Têxteis e vestuário	34,8	35,5	-0,5	18,7	-1,1	20,3
Outras manufaturas	25,1	25,8	-0,6	16,5	-1,4	18,2
Equipamentos elétricos	18,0	18,7	-0,6	2,3	-0,7	3,1
Máquinas e equipamentos	16,0	16,6	-0,5	3,4	-0,6	4,1
Produtos metálicos e de outros minerais	14,2	14,8	-0,5	4,6	-1,3	6,0
Borracha e plástico	14,1	14,7	-0,5	6,1	-1,0	7,3
Produtos de madeira	11,8	12,3	-0,5	7,9	-1,2	9,3
Papel	11,0	11,3	-0,3	2,7	-0,8	3,6
Equipamentos eletrônicos	10,0	10,5	-0,5	2,9	-0,6	3,5
Outros equipamentos de transporte	9,7	9,9	-0,3	6,6	-1,1	7,8
Veículos e peças	7,7	8,2	-0,3	1,1	-1,5	2,8
Cereais	6,8	6,9	-0,1	0,1	-0,0	0,2
Alimentos e bebidas	6,6	6,8	-0,2	3,9	-0,5	4,4
Farmacêuticos	6,4	6,8	-0,3	3,9	-0,7	4,6
Químicos	4,7	5,1	-0,3	2,6	-0,6	3,3
Carnes	4,7	4,9	-0,2	1,9	-0,7	2,6
Outros agricultura e pecuária	3,6	3,8	-0,1	1,6	-0,1	1,7
Sementes oleaginosas	0,5	0,5	-0,0	1,0	0,3	0,7
Derivados de petróleo	-0,2	-0,2	-0,1	-0,1	-0,3	0,2
Petróleo e gás	-0,4	-0,3	-0,1	-0,9	-0,5	-0,3
Minerais	-1,2	-1,1	-0,1	0,4	-0,4	0,8

Elaboração dos autores.

Nota: ¹ Desvio acumulado em relação ao *baseline*, em %.

Por fim, quanto ao saldo comercial, a tabela 7 mostra que, no Brasil, o resultado piora em quase todos os setores nos cenários 1 e 2, com exceção de alguns setores produtores de *commodities* (carnes; sementes oleaginosas; e minerais) e do setor de outros equipamentos de transporte – este último por conta do forte crescimento das exportações, e os demais por terem aumento mais modesto das importações.

Os setores que registram maiores perdas de saldo comercial correspondem àqueles com maior aumento das importações, tais como: têxteis e vestuário; máquinas e equipamentos; equipamentos eletrônicos; químicos; veículos e peças; máquinas e equipamentos; equipamentos elétricos e produtos metálicos; e outros minerais.

No cenário 3, as variações de saldo comercial são relativamente pequenas, com alguns setores tendo ganhos (como carnes; alimentos e bebidas; produtos metálicos; e outros minerais) e alguns com perdas (como equipamentos elétricos; veículos e peças; químicos; máquinas e equipamentos; e têxteis e vestuário). Isso porque tais setores têm redução de exportações no cenário 3.

TABELA 7

Impactos sobre o saldo comercial nos três cenários¹

Setores	Brasil			Mercosul		
	Cenário 1	Cenário 2	Cenário 3	Cenário 1	Cenário 2	Cenário 3
Carnes	423,0	222,1	204,8	146,4	98,9	48,1
Petróleo e gás	222,2	153,3	71,0	87,1	52,8	34,5
Outros equipamentos de transporte	191,0	148,6	42,0	-132,7	20,3	-155,1
Sementes oleaginosas	102,3	64,8	38,6	33,3	17,6	16,3
Minerais	100,1	73,6	27,4	-2,2	8,0	-10,3
Derivados de petróleo	67,2	54,0	13,9	9,0	21,8	-12,6
Papel	45,6	-8,6	54,4	-60,6	-3,1	-58,3
Produtos de madeira	34,4	10,7	24,1	-0,2	16,0	-16,5
Outros agricultura e pecuária	-43,4	-62,9	20,2	-25,2	-3,0	-21,9
Alimentos e bebidas	-58,6	-180,9	124,3	321,7	314,1	9,1
Cereais	-137,3	-150,3	13,0	-47,0	-49,6	2,7
Farmacêuticos	-319,9	-350,3	30,0	-58,3	42,3	-101,3
Couros e calçados	-360,2	-331,4	-32,0	-14,7	81,0	-100,3
Outras manufaturas	-596,9	-577,8	-22,2	-226,7	17,3	-248,3
Borracha e plástico	-847,3	-764,4	-88,3	-305,7	-101,8	-207,3
Produtos metálicos e de outros minerais	-988,1	-1.124,6	126,8	-51,9	164,7	-223,5
Equipamentos elétricos	-1.136,0	-904,1	-233,1	-122,3	-17,5	-106,0
Veículos e peças	-1.147,3	-778,9	-399,1	-1.062,2	-958,1	-109,6
Químicos	-1.293,7	-1.187,3	-108,2	-410,6	-108,2	-304,9
Equipamentos eletrônicos	-1.626,3	-1.626,5	-0,1	-202,0	45,8	-249,3
Máquinas e equipamentos	-1.774,0	-1.612,4	-163,4	-210,9	14,5	-228,0
Têxteis e vestuário	-2.424,7	-2.299,8	-135,6	-569,7	-98,3	-480,8

Elaboração dos autores.

Nota: ¹ Desvio acumulado em relação ao *baseline*, em US\$ milhões.

Nos demais países do Mercosul, o padrão é semelhante, com a maioria dos setores tendo queda do saldo comercial nos cenários 1 e 3, à exceção de produtores de *commodities* (carnes; sementes oleaginosas; petróleo e gás). Os setores que registram maiores perdas de saldo comercial são praticamente os mesmos que no Brasil, com grande destaque para o setor de veículos e peças, no cenário 1.

No cenário 2, as variações de saldo comercial são relativamente pequenas, com alguns setores tendo ganhos (como carnes; alimentos e bebidas; petróleo e gás; produtos metálicos; e outros minerais) e alguns com perdas. Destes últimos, destaque absoluto para veículos e peças, em virtude da grande perda de exportação, que resulta da perda de acesso privilegiado ao mercado brasileiro.

2.5 Comércio bilateral

A tabela 8 mostra o que ocorre com as exportações do Brasil para o Mercosul nos 3 cenários, mostrando também os resultados referentes às exportações para o resto do mundo, a título de comparação. Observa-se que as vendas para o Mercosul se reduzem em quase todos os setores nos cenários 1 e 3, nos quais há redução das tarifas aplicadas pelos demais países do Mercosul. Em contrapartida, as exportações para o resto do mundo crescem bastante no cenário 1, ou seja, a redução das preferências intra-Mercosul faz com que parte das exportações do Brasil para os parceiros se desloque para terceiros países. Isso se deve a dois fatores, conforme resumido a seguir.

- 1) Redução do efeito de desvio de comércio que ocorre quando dois ou mais países estabelecem preferências tarifárias.
- 2) Redução do custo de produção no Brasil em função da redução das tarifas de importação, tornando os produtos do país mais competitivos nos mercados fora do Mercosul.

TABELA 8

Impactos sobre a exportação bilateral nos três cenários – Brasil¹

Setores	Para o Mercosul			Para o resto do mundo		
	Cenário 1	Cenário 2	Cenário 3	Cenário 1	Cenário 2	Cenário 3
Total	-2.462,0	207,4	-2.656,5	7.529,6	5.874,3	1.670,4
Veículos e peças	-475,7	21,5	-510,7	699,7	624,9	76,0
Máquinas e equipamentos	-316,1	52,1	-359,6	843,9	712,4	130,6
Produtos metálicos e de outros minerais	-303,5	-7,6	-299,5	1.265,8	918,0	351,9
Químicos	-295,3	37,6	-331,2	629,4	517,4	112,7
Equipamentos elétricos	-291,8	38,3	-323,6	431,8	371,3	59,3
Têxteis e vestuário	-164,1	22,3	-181,6	147,4	130,2	16,9
Borracha e plástico	-133,7	4,2	-138,7	124,4	98,0	26,6
Couros e calçados	-124,3	6,6	-130,2	480,4	387,4	93,2
Equipamentos eletrônicos	-100,3	30,0	-123,3	266,4	232,6	32,8
Outras manufaturas	-63,0	1,4	-64,4	113,4	84,7	28,9
Alimentos e bebidas	-53,5	-3,2	-50,7	430,1	272,6	161,1
Outros equipamentos de transporte	-43,1	10,8	-51,4	730,5	648,9	79,2
Papel	-35,9	-1,3	-34,9	289,6	209,5	81,4
Farmacêuticos	-29,4	2,2	-31,5	134,8	95,9	39,3
Derivados de petróleo	-16,2	-2,8	-13,4	32,9	22,7	10,5
Produtos de madeira	-5,9	-0,5	-5,5	61,2	33,7	28,1
Carnes	-5,7	-0,7	-5,0	457,8	253,5	208,6
Outros agricultura e pecuária	-5,4	0,4	-5,8	57,9	36,3	22,2
Petróleo e gás	-0,0	0,0	-0,1	131,1	87,1	45,3
Sementes oleaginosas	-0,0	0,0	-0,0	100,9	64,5	37,5
Cereais	0,1	0,0	0,1	35,0	25,7	9,5
Minerais	0,8	-3,7	4,6	65,3	47,1	18,8

Elaboração dos autores.

Nota: ¹ Desvio acumulado em relação ao *baseline*, em %.

No cenário 2, onde apenas o Brasil reduz tarifas, a variação das exportações para o Mercosul é pouco significativa (pois não há a redução do efeito de desvio de comércio), mas as exportações para o resto do mundo crescem bastante, por conta do efeito de redução do custo de produção no Brasil.

No cenário 3, onde apenas os demais países do Mercosul reduzem suas tarifas, a queda das vendas do Brasil para o Mercosul é significativa na maioria dos setores, em função da perda do acesso preferencial ao mercado dos parceiros, mas as exportações para o resto do mundo crescem pouco, pois não há o efeito de redução do custo de produção.

Considerando-se agora as importações do Brasil provenientes do Mercosul (tabela 9), há queda significativa em quase todos os setores nos cenários 1 e 2, em função da redução do efeito de desvio de comércio. A redução é especialmente forte no setor de veículos e peças, dada sua grande importância nas vendas do Mercosul para o Brasil. Em contrapartida, há forte crescimento das importações provenientes do resto do mundo, que se tornaram relativamente mais baratas do que as do Mercosul.

No cenário 3, onde não há redução tarifária no Brasil, as importações do país provenientes do Mercosul têm pequena variação, em geral, positiva. Em contrapartida, aquelas provenientes do resto do mundo se reduzem.

Por fim, o saldo comercial do Brasil com o Mercosul tem pequena variação em quase todos os setores no cenário 1, uma vez que, neste, há redução simultânea das exportações e importações intrabloco. Ou seja, uma redução tarifária que abranja todos os países do Mercosul reduz a corrente de comércio dentro do bloco (pela redução do efeito de desvio de comércio), mas tem pouco efeito sobre o saldo comercial. Mais uma vez, a exceção é o setor de veículos e peças, cujo

saldo do Brasil com o Mercosul aumenta em mais de US\$ 600 milhões. Nesse cenário, o saldo comercial com o resto do mundo piora na maioria dos setores, especialmente naqueles da indústria de transformação, uma vez que a redução das tarifas provoca grande aumento das importações.

No cenário 2, há grande aumento do saldo comercial do Brasil com o Mercosul, pois o país substitui parte de suas importações do bloco por aquelas provenientes do resto do mundo, mas o mesmo não acontece com os demais países do Mercosul. O saldo comercial com o resto do mundo tem redução ainda maior do que a observada no cenário 1.

Finalmente, o cenário 3 mostra uma queda expressiva do saldo comercial do Brasil com o Mercosul em quase todos os setores, uma vez que os demais países do bloco passam a importar mais do resto do mundo, em função da redução das tarifas de importação. O saldo do Brasil com o resto do mundo tem aumento em quase todos os setores, uma vez que a redução das preferências tarifárias com os parceiros do bloco faz com que o país redirecione parte das exportações para terceiros países.

TABELA 9

Impactos sobre a importação bilateral nos três cenários – Brasil¹

Setores	Oriundas do Mercosul			Oriundas do resto do mundo		
	Cenário 1	Cenário 2	Cenário 3	Cenário 1	Cenário 2	Cenário 3
Total	-2.340,7	-2.510,1	197,7	13.062,1	14.027,9	-954,9
Veículos e peças	-1.107,9	-1.190,1	88,8	1.778,2	1.953,2	-175,8
Químicos	-292,6	-322,7	33,8	969,3	1.124,9	-159,8
Alimentos e bebidas	-171,2	-173,4	2,2	402,4	420,6	-17,8
Borracha e plástico	-147,8	-154,7	8,1	713,0	754,1	-39,6
Têxteis e vestuário	-137,3	-146,1	14,5	1.948,8	2.015,1	-62,3
Produtos metálicos e de outros minerais	-133,5	-140,7	8,8	1.493,7	1.588,8	-90,6
Cereais	-89,2	-88,6	-0,6	204,5	207,8	-3,1
Máquinas e equipamentos	-58,5	-70,0	14,9	1.679,6	1.781,9	-100,7
Equipamentos elétricos	-45,3	-52,9	11,1	904,9	965,5	-61,3
Papel	-27,1	-28,7	1,7	169,0	177,4	-8,3
Farmacêuticos	-26,1	-28,5	2,6	256,5	282,5	-26,2
Couros e calçados	-21,7	-22,8	1,8	655,6	669,2	-11,2
Outros agricultura e pecuária	-19,9	-19,3	-0,6	66,2	69,5	-3,3
Carnes	-19,8	-20,4	0,6	42,9	45,1	-2,0
Outras manufaturas	-12,4	-13,3	1,1	510,1	530,3	-18,2
Equipamentos eletrônicos	-10,7	-15,1	5,5	1.126,1	1.237,3	-109,7
Derivados de petróleo	-10,1	-12,0	1,9	-97,5	-79,0	-19,0
Outros equipamentos de transporte	-3,8	-5,0	1,4	344,7	360,2	-16,0
Produtos de madeira	-3,2	-3,3	0,1	19,5	20,6	-1,1
Sementes oleaginosas	-2,2	-2,3	0,2	2,9	3,0	-0,2
Minerais	-0,7	-0,6	-0,1	-37,0	-33,9	-3,2
Petróleo e gás	0,3	0,2	0,1	-91,3	-66,3	-25,9

Elaboração dos autores.

Nota: ¹ Desvio acumulado em relação ao *baseline*, em US\$ milhões.

TABELA 10

Impactos sobre o saldo comercial bilateral nos três cenários – Brasil¹

Setores	Saldo com Mercosul			Saldo com resto do mundo		
	Cenário 1	Cenário 2	Cenário 3	Cenário 1	Cenário 2	Cenário 3
Total	-121,3	2.717,5	-2.854,2	-5.532,5	-8.153,6	2.625,3
Máquinas e equipamentos	-257,6	122,1	-374,4	-835,7	-1.069,5	231,3
Equipamentos elétricos	-246,4	91,2	-334,7	-473,0	-594,3	120,7
Produtos metálicos e de outros minerais	-170,1	133,0	-308,3	-227,9	-670,8	442,5
Couros e calçados	-102,6	29,4	-132,0	-175,2	-281,8	104,3
Equipamentos eletrônicos	-89,6	45,1	-128,7	-859,7	-1.004,7	142,5
Outras manufaturas	-50,6	14,7	-65,5	-396,7	-445,6	47,0
Outros equipamentos de transporte	-39,3	15,8	-52,8	385,9	288,7	95,2
Têxteis e vestuário	-26,8	168,4	-196,2	-1.801,4	-1.884,9	79,1
Papel	-8,7	27,4	-36,7	120,5	32,0	89,6
Derivados de petróleo	-6,1	9,2	-15,4	130,4	101,7	29,5
Farmacêuticos	-3,3	30,7	-34,1	-121,7	-186,7	65,5
Produtos de madeira	-2,7	2,9	-5,6	41,8	13,1	29,1
Químicos	-2,7	360,2	-365,0	-339,9	-607,4	272,5
Petróleo e gás	-0,4	-0,2	-0,2	222,4	153,4	71,2
Minerais	1,4	-3,2	4,6	102,3	80,9	22,1
Sementes oleaginosas	2,1	2,3	-0,2	98,1	61,4	37,7
Carnes	14,1	19,7	-5,6	414,9	208,4	210,5
Borracha e plástico	14,1	158,9	-146,8	-588,6	-656,1	66,2
Outros agricultura e pecuária	14,4	19,6	-5,2	-8,4	-33,2	25,5
Cereais	89,2	88,6	0,7	-169,6	-182,1	12,6
Alimentos e bebidas	117,7	170,1	-52,8	27,6	-148,0	178,9
Veículos e peças	632,2	1.211,6	-599,5	-1.078,5	-1.328,3	251,8

Elaboração dos autores.

Nota: ¹ Desvio acumulado em relação ao *baseline*, em US\$ milhões

Em síntese, o cenário 1, em que há redução de 50% das tarifas em todo o Mercosul, provoca redução das exportações e das importações intrabloco, que agora passam a se dirigir para terceiros países. É o inverso do conhecido efeito de desvio de comércio que resulta da adoção de tarifas preferenciais entre países. O saldo comercial do Brasil com o Mercosul tem pequena variação em quase todos os setores neste cenário, uma vez que há redução simultânea das exportações e importações intrabloco.

No cenário 2, onde apenas o Brasil reduz tarifas, o país restringe substancialmente suas importações dos parceiros do bloco, substituindo-as por compras de terceiros países, mas há pouco efeito sobre as exportações. Portanto, o saldo comercial do Brasil com o Mercosul aumenta em todos os setores para os quais a tarifa inicial não é próxima de zero.

No cenário 3, onde apenas os demais países do Mercosul reduzem tarifas, ocorre o contrário: eles reduzem substancialmente suas importações do Brasil, substituindo-as por compras de terceiros países, e o saldo comercial do Brasil com o Mercosul tem queda em todos os setores para os quais a tarifa inicial não é próxima de zero.

3 CONCLUSÕES

Esta nota buscou analisar o impacto do fim da união aduaneira no Mercosul, de forma que qualquer país do bloco poderia promover alterações nas tarifas de importação sem que os demais tivessem que fazê-lo. Para isso, foram definidos três cenários. O primeiro seria um cenário de controle, no qual todos os países aplicariam uma redução tarifária semelhante. O cenário 2 considera uma redução tarifária apenas no Brasil e o cenário 3 considera uma

redução tarifária em Argentina, Paraguai e Uruguai, mas não no Brasil. Desta forma, é possível avaliar quais os ganhos e perdas que o Brasil e os demais países do bloco teriam com o fim da união aduaneira.

Em termos macroeconômicos, as simulações indicam que uma redução tarifária traria benefícios para o Brasil e que tais benefícios seriam praticamente iguais caso a redução fosse feita unilateralmente, com o fim da união aduaneira, ou em conjunto com o Mercosul. No âmbito dos demais países do Mercosul, a redução tarifária com o fim da união aduaneira (cenário 3) seria mais vantajosa do que a redução em todo o Mercosul (cenário 1).

A análise dos resultados setoriais mostra que, nos cenários em que há redução tarifária (cenários 1 e 2, no Brasil, e cenários 1 e 3 para os demais países do Mercosul), haveria quedas de produção nos setores da indústria de transformação e aumento em setores relacionados a *commodities*, tais como: carnes; sementes oleaginosas; produtos de madeira; outros da agricultura e pecuária; petróleo e gás; papel; minerais; e alimentos e bebidas. No Brasil, a magnitude das variações é muito semelhante entre os setores caso a redução seja feita em conjunto com o Mercosul (cenário 1) ou unilateralmente (cenário 2) – com a notável exceção do setor de veículos e peças, que teria perda de 0,3% no cenário 1 e ganho de 0,3% no cenário 2. No que tange aos demais países do Mercosul, as variações setoriais de produção são, na maior parte dos casos, maiores (e mais negativas) no cenário 1 do que no cenário 3, o que parece tornar a redução unilateral preferível para estes países.

Nos cenários 1 e 2, a exportação brasileira cresce em quase todos os setores, inclusive em setores da indústria de transformação, o que se explica pela queda do custo de produção por conta do barateamento de insumos importados. Nos demais países do Mercosul, contudo, o quadro é bem menos homogêneo, com ganhos e perdas espalhadas pelos diferentes setores, sem uma clara diferenciação entre produtores de *commodities* e os demais setores. O cenário 3 é o mais favorável, com maior número de setores tendo ganhos de exportação.

No caso das importações, tanto no Brasil quanto nos demais países do Mercosul há alta generalizada nos cenários em que há redução tarifária e variações negativas, mas pouco significativas nos cenários em que não há redução. É importante destacar que, nos demais países do Mercosul, a taxa de variação das importações é mais baixa do que a verificada no Brasil em quase todos os setores nos cenários 1 e 3.

Finalmente, há expressiva redução do comércio bilateral Brasil-Mercosul em quase todos os setores no cenário 1, em virtude da redução do conhecido efeito de desvio de comércio que tradicionalmente ocorre quando há a adoção de tarifas preferenciais entre países. O saldo comercial do Brasil com o Mercosul tem pequena variação em quase todos os setores neste cenário, uma vez que há redução simultânea das exportações e importações intrabloco.

No cenário 2, onde apenas o Brasil contrai tarifas, o país reduz substancialmente suas importações dos parceiros do bloco, substituindo-as por compras de terceiros países, mas há pouco efeito sobre as exportações. Portanto, o saldo comercial do Brasil com o Mercosul aumenta em todos os setores para os quais a tarifa inicial não é próxima de zero.

No cenário 3, onde apenas os demais países do Mercosul reduzem tarifas, ocorre o contrário: eles reduzem substancialmente suas importações do Brasil, substituindo-as por compras de terceiros países, e o saldo comercial do Brasil com o Mercosul tem queda em todos os setores para os quais a tarifa inicial não é próxima de zero.

Em síntese, o principal resultado deste estudo é evidenciar que a redução tarifária seria benéfica para o Brasil e para os demais países do Mercosul, em termos agregados e de bem-estar, ainda que traga mudanças relevantes na estrutura setorial da produção e do comércio exterior dos países, além de redução significativa do comércio intrabloco.

Para o Brasil, não parece haver diferenças significativas caso a redução seja feita de forma unilateral (com o fim da união aduaneira) ou em conjunto com o Mercosul. Por outro lado, para os demais países do bloco, a opção de redução unilateral gera resultados um pouco melhores do que no caso da redução em conjunto com o Brasil.

REFERÊNCIAS

- AGUIAR, A. *et al.* The GTAP data base: version 10. **Journal of Global Economic Analysis**, v. 4, n. 1, p. 1-27, 2019.
- HERTEL, T. *et al.* (Ed.). **Global trade analysis: modeling and applications**. Cambridge, UK: Cambridge University Press, 1997.

BIBLIOGRAFIA COMPLEMENTAR

IANCHOVICHINA, E.; MCDUGALL, R. **Theoretical structure of dynamic GTAP**. Washington: World Bank, Dec. 2000. (Technical Paper, n. 17). Disponível em: <<https://bit.ly/3DTn2Q5>>. Acesso em: 9 out. 2020.

IANCHOVICHINA, E.; WALMSLEY, T. (Ed.). **Dynamic modeling and applications for global economic analysis**. Cambridge, UK: Cambridge University Press, June 2012.

EDITORIAL

Chefe do Editorial

Reginaldo da Silva Domingos

Assistentes da Chefia

Rafael Augusto Ferreira Cardoso

Samuel Elias de Souza

Supervisão

Camilla de Miranda Mariath Gomes

Everson da Silva Moura

Editoração

Aeromilson Trajano de Mesquita

Anderson Silva Reis

Cristiano Ferreira de Araújo

Danilo Leite de Macedo Tavares

Jeovah Herculano Szervinsk Junior

Leonardo Hideki Higa

*The manuscripts in languages other than Portuguese
published herein have not been proofread.*

Livraria Ipea

SBS – Quadra 1 – Bloco J – Ed. BNDES, Térreo

70076-900 – Brasília – DF

Tel.: (61) 2026-5336

Correio eletrônico: livraria@ipea.gov.br

Missão do Ipea

Aprimorar as políticas públicas essenciais ao desenvolvimento brasileiro por meio da produção e disseminação de conhecimentos e da assessoria ao Estado nas suas decisões estratégicas.